

SOCIEDADE PÓS-COLONIAL E REPRESSÃO FEMININA: A DICOTOMIA DO SUJEITO-OBJETO NO CONTO *VANICLÉIA* DE MARCELINO FREIRE

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro ¹
José Paulo Alexandre de Barros Júnior ²
Maria de Fátima Ramos da Silva ³

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar por meio dos estudos críticos pós-coloniais e feministas a representação da mulher negra enquanto sujeito outremizado no conto *Vanicléia* do autor pernambucano Marcelino Freire. Consideramos pertinente no conto questões de gênero relacionadas aos sujeitos subalternos amparadas pelos pressupostos teóricos de Bonnici (2000, 2007, 2009), Zolin (2009, 2012), Bhabha (1991, 1994) e Spivak (1987, 2010). Desta maneira, iremos problematizar através das vozes e dos silenciamentos, das representações e do imaginário da identidade feminina, as maneiras pelas quais se concretizam o discurso dominante. Discurso este que é característico de uma sociedade machista, constituída de sujeitos que criam mecanismos de superioridade/inferiorização para perpetuação de um poder hegemônico e opressor.

Palavras-chave: Mulheres negras; Subalternidade; Estudos pós-coloniais.

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, agentes culturais colonizadores criaram instrumentos competentes para propagar na relação social os sentimentos de inferioridade/superioridade, mantendo, assim, um projeto imperialista e de controle econômico, que resulta na degradação de muitas etnias, economias e nações como também o extermínio de populações e línguas.

Todos os que estavam envolvidos do outro lado do projeto imperialista se encontraram em uma situação extremamente desastrosa e de manipulação, enquanto que o projeto, geralmente de origem europeia se beneficiava e lucrava à custa de países do chamado novo Mundo. Em consequência disso, foram perpassados por gerações mecanismos de exclusão que inferiorizam indivíduos, construíram alteridades e hierarquizam indiferenças. Essa perspectiva alcança a História, Antropologia e Sociologia de forma revisional com relação à construção e ao entendimento do passado.

No tocante a isso, vem se destacando um acervo de proposições teóricas nos Estudos Culturais que sugerem que releituras e investigações sejam feitas em textos literários, procurando revelar relações de poder implícitas. Destaca-se a crítica feminista que examina a

¹ Graduanda do Curso de letras da Universidade de Pernambuco - UPE, thayna_emanuela.123@hotmail.com;

² Graduando do Curso de letras da Universidade de Pernambuco - UPE, josepaulo08@bol.com.br;

³ Graduanda do Curso de letras da Universidade de Pernambuco - UPE, fatima97ramos@gmail.com;

construção dos gêneros, mostra a desigualdade entre os sexos sob a ótica cultural e a dominação a que a mulher esteve sujeita ao longo da história. Também se ressalta a crítica pós-colonial que se constrói através da interpretação política das relações de entre discurso e poder, que reexamina a relação colonizador x colonizado imbuídas nos textos.

Com base nesses estudos, leva-se em conta a situação da exclusão e falta de representação. Nesse sentido, a mulher negra, dentro do âmbito complexo da contemporaneidade, tendo em vista sua dupla exploração, submissão e inferiorização. Como o sujeito do discurso colonial consolida suas práticas de degradação em relação à mulher negra, relegando-a a representações falocêntricas e ao lugar de objeto é a pergunta que permeia a pesquisa.

Para responder a pergunta, destacamos o trabalho de Marcelino Freire, em que podem ser notadas representações de mulheres negras culturalmente e literariamente em nível internacional. Sendo um escritor que passeia por intermédios de subalternidade, seus próprios personagens se põem em lugar de objeto e narra suas histórias de vida baseadas na opressão do discurso colonial, além de denunciar temas que refletem a inferiorização desses indivíduos. Esse é o caso da personagem negra do conto *Vanicléia*, em que por meios das narrativas denunciam a realidade do turismo sexual nos países que foram colonizados, em destaque o Brasil.

Nesse caso, baseando-se nos arcabouços teóricos de Bonnici (2000, 2007, 2009), Zolin (2009, 2012), Bhabha (1991, 1994) e Spivak (1987, 2010), o presente artigo tem como principal objetivo identificar por meio da ótica da crítica pós-colonial e os estudos feministas, a situação da mulher negra que se encontra em condição de objeto na sociedade contemporânea, caracterizando as formas pelo qual o discurso colonial falocêntrico cria práticas de inferiorização, degradação e violência por meio da investigação dos contos supracitados. Além de destacar a importância da nova estética e abordagem de leitura da literatura pós-colonial, pois o contato com ela e seus personagens que vivem situações as quais podem vir a se reconhecer, é uma razão que pode incitá-los a pensar na realidade que os cerca.

2. METODOLOGIA

O presente artigo possui caráter bibliográfico, onde visa analisar as formas representacionais de outremização exercidas pelo discurso dominante – geralmente falocêntrico, portanto, diminuidor da mulher negra presentes no conto *Vanicléia*, da obra *Contos Negreiros* (2005) de Marcelino Freire. Baseia-se nos pressupostos teóricos de Bonnici

(2000, 2007, 2009) e Bhabha (1991, 1994) sobre a condição pós-colonial bem como conceitos da dialética do 'Outro/outro', e em Zolin (2009, 2012) e Spivak (1987, 2010) em relação à condição da mulher subalterna e negra.

Em primeira instância, foi apresentado o panorama dos estudos pós-coloniais para que fossem compreendidos seus aspectos, fundamentais para a análise, e sua ligação com os estudos do feminismo visando servir como um instrumento de análise literária crucial na investigação das relações de poder intrínseca a condição da mulher negra. Em seguida, foi explicitada a dicotomia sujeito-objeto, que serviu como subsídio para análise através do aprofundamento nas questões de alteridade, identidade e práticas de outremização, identificando situações em que o indivíduo colonizado se encontra em lugar de objeto, enquanto que o colonizador se fixa no lugar de sujeito.

Decorrente as leituras do referencial teórico, foram feitas as análises dos contos supracitados, fazendo uma breve contextualização e buscando identificar a presença dos fatores de outremização que existem neles dentro da perspectiva do pós-colonialismo, ou seja, o modo como o discurso colonial cria modos de alteridade, exclusão e degradação contra as mulheres negras.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A crítica pós-colonial e o feminismo

Em meados dos anos 70, surgiram discussões sobre os efeitos da colonização em nações que perderam suas próprias identidades e etnias em razão do período de pós-guerra e descolonização do continente africano e asiático. Os críticos literários criaram o termo pós-colonial nesse período, e conseqüentemente, a literatura pós-colonial com o sentido de “resistir às perspectivas colonialistas, tais como as ideias da superioridade europeias e da missão civilizatória do império.” (ZOLIN, 2012, p. 53).

Nessa perspectiva, produções literárias que ocorreram no contexto da colonização realizada pelos europeus são analisadas pela teoria pós-colonial, tomando os pressupostos teóricos de Michel Foucault, Antonio Gramsci, Edward Said, Lacan, Althusser, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, entre outros. Em geral, estes autores costumam apontar para o controle ideológico, político, econômico e social que envolve as sociedades que foram colonizadas e permeia o foco das análises pós-coloniais.

Estes estudos desempenham uma enorme e poderosa influência na apresentação de formulações críticas que investigam os “entre-lugares” construídos na relação entre hegemonia

e subalternidade. Ambas, enquanto ideias se entrelaçam nas observações, com isso, acabam inclinando-se a discutir temáticas relacionadas ao colonialismo que façam referência aos grupos etnicamente minoritários. Portanto, essa perspectiva crítica faz uma releitura de práticas que se solidificaram por meio do discurso colonial e questiona por meio delas os atos de dominação. Novos pontos de vista são atribuídos no momento em que se dissecam um texto, atentando o olhar não para o que é dito, mas, sobretudo, para o que é silenciado. Trata-se de um questionamento amplo, que circunda diversos conceitos ideológicos.

Em ligação com os Estudos Culturais, estão os estudos pós-coloniais, e especificamente os estudos do feminismo, que possuem a mesma manifestação da política de representatividade e da identidade, pois "a mulher, assim como os negros [...], foi subjugada [...], daí, muitas vezes, os conceitos operatórios de pós-colonialismo, [...] serem partilhados pelo feminismo (ZOLIN, 2012, p. 53). Mediados principalmente pela linguagem, o texto literário se torna de grande eficácia, pois ele criará oportunidades de exprimir denúncia, revide e contra-ataque dentro dele. Diante disso, quem sofreu de forma mais intensa os efeitos da colonização foi a mulher, sendo duplamente colonizada, ou seja, sendo colonizada pelo colonizador e pelo próprio colonizado (sexo masculino). Segundo Gayatri Spivak:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois em ambos os casos, há "evidência". É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66 e 67).

No contexto da colonização é possível ver que a submissão da mulher ao sujeito masculino era encarada como algo natural. A mulher colonizada era submetida a processos de inferiorização advindos do próprio colonizador e do próprio sujeito colonizado do sexo masculino, fazendo com que ela fosse exposta a diversas situações de exploração e ainda sim não pudesse se expressar, contribuindo com a noção de que "o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido" (SPIVAK, 2010, p. 163). Apesar da situação da mulher nos dias atuais ser de protagonismo em diversas áreas sociais, resultado de muitas lutas, ainda se faz presente a ideologia de superioridade masculina construída no passado, mesmo que ambos os sujeitos se encontrem em situação de subalternidade.

É possível notar em narrativas da literatura brasileira, como em *O Cortiço* (1980) de Aluísio de Azevedo, *Senhora* (1874), de José de Alencar e *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, a propagação do papel da mulher como objeto e subalterna. Sob essa perspectiva, a mulher negra se mostra ainda mais em condição de subalternidade, sendo excluída de trabalhos intelectuais, sem direito a educação, bem como seus anseios e desejos rejeitados, “relegada ao serviço do homem, ao silêncio, à dupla escravidão, à prostituição ou a objeto sexual [...]” (BONNICI, 2009, p. 266). Isso mostra o quanto a mulher negra esteve sujeita integralmente a dominação, sendo exposta a diversos hiatos e silenciamentos.

Essas perspectivas que criam conexões entre o passado e o presente apresentadas pelos estudos pós-coloniais e estudos feministas servem para gerar “posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às novas convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos” (ZOLIN, 2009, p. 218).

3.2. A dicotomia sujeito-objeto

Para solidificar suas práticas, o discurso colonial se baseia na dialética do ‘Outro/outro’ difundida pela teoria existencialista de Sartre. Esse discurso cria relações que estabelecem diferenças, que se baseiam na ideia de que para existir o colonizador é necessário existir o colonizado e vice-versa (BHABHA, 1994). A concepção de ‘Outro’ está diretamente ligada a concepção de poder, que segundo Bonnici (2000) pode produzir, dominar e excluir um determinado sujeito que seria o ‘outro’. Fanon alega que:

A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, nunca habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação de valores. Ele é, ousemos dizer, o inimigo dos valores. Nesse sentido, ele é o mal absoluto. Elemento corrosivo, destruindo tudo de que se aproxima, elemento deformante, desfigurando tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças malélicas, instrumento inconsciente e irre recuperável de forças cegas (FANON, 2005, p. 58)

Os próprios colonizadores difundiam pensamentos de superioridade, exaltando suas próprias qualidades em detrimento da “falha” que circundava os povos colonizados. Geralmente de origem europeia, os colonizadores operavam-se pelo modelo dialético do ‘Outro/outro’ enaltecendo sua cultura e filosofia enquanto que tratavam tudo que não era europeu com inferioridade apoiando seu discurso “no reconhecimento e repúdio das diferenças

raciais/culturais/históricas” (BHABHA, 1994, p. 111). Estabelece-se por meio desse processo, um conjunto de verdades que transformam o sujeito colonizado no ‘outro’, inferior, diferente, sujeito ao domínio do colonizador.

O método denominado por Ashcroft *et al.* (1998) de “outremização”, seria o processo em que o discurso colonial do ‘Outro’ constrói o sujeito colonizado identificando-o como ‘outro’, a partir de uma relação definida pela alteridade. Os mecanismos de outremização se fazem presentes na formação do sujeito, criando estereótipos, utilizando a linguagem dominante para comandar o outro e justificar práticas de exploração com o intuito de reforçar seu poder. A partir disso, esse ‘outro’ passa a se identificar como um sujeito antagônico e subordinado ao ‘Outro’ enxergando o mundo pela perspectiva subalterna imposta pelo discurso colonial.

Observa-se na construção das alteridades que o ‘Outro’ com ‘O’ maiúsculo simboliza o colonizador, ocupando a posição central, “o próprio Império” (ASHCROFT *et al.*, 1998, p. 170), enquanto que o ‘outro’ com ‘o’ minúsculo representa o colonizado, o qual ocupa a margem. Isso representa de forma simbólica, a “lei do pai” lacaniano, ao relacionarmos “o colonizado como ‘o filho do império’ assumindo-se como o pequeno ‘outro’” (BONNICI, 2005, p. 229). O sistema do império, como se observa, está ligado à dicotomia sujeito/objeto.

Pode-se apontar que as práticas de outremização mais utilizadas pelo discurso colonial foram a criação de estereótipos referentes à cor da pele e de gênero. A cor negra, ou ausência da pele branca, foi sempre relacionada “ao selvagem, a malignidade, ao primitivismo e ao canibalismo, por exemplo,” (BONNICI, 2005, p. 45). Além da condição sexista propagada pelos homens, conferindo a figura da mulher o papel de meros objetos, privando-as de conduzir papéis sociais, culturais e políticos. Dentro dessas condições, a mulher negra busca seu lugar assim como todos os que estão à margem dominante.

Gayatri Spivak diz que o sujeito subalterno é aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12). Dessa forma, a mulher pobre e negra é triplamente subalterna. Construções discursivas que supervalorizam dominantes do sexo masculino e pessoas de pele branca como os principais agentes no que tange questões políticas, econômicas e sociais, agem como estruturas excludentes dentro do ambiente em que estão inseridos.

Apesar de o panorama atual ser de grandes transformações sociais e culturais, a mulher negra ainda é atribuída a uma posição de submissão, de resignação, atestada como puro instrumento de satisfação sexual e reduzida ao lugar de objeto (outro), enquanto que o discurso

colonial e sujeitos do sexo masculino - mesmo que esse último ocupe o lugar de colonizado - perpetuam o lugar de sujeito (Outro). A criação desses estereótipos pode vir a desencadear crises identitárias, gerando a divisão de sua personalidade, o desprezo a si mesmo e a procura da cultura, costumes e submissão ao 'Outro' (FANON apud FIQUEIREDO, 1998).

A construção dessas alteridades cometidas pelo discurso colonial e falocêntrico em relação à situação da mulher negra é claramente observada nos contos de Marcelino Freire, nos quais essas mulheres são utilizadas como objetos de prazer sexual e relegadas a profissões de cunho inferior em decorrência de sua cor, seu gênero e o lugar em que vive.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No conto *Vanicléia*, a personagem se encontra casada com um marido agressor e que não a respeita, ocupando um lugar de bastante desvalorização dentro da sociedade contemporânea por ser pobre, mulher e negra. No decorrer do conto ela reflete sobre sua vida quando era prostituta, sobre o tratamento oferecido pelos estrangeiros que vinham fazer turismo sexual no Brasil, assim como o tratamento dos homens brasileiros com ela: “Eu era mais feliz antes. [...] Quando o avião estrangeiro chegava e a gente rodava no aeroporto. [...] A gente era respeitada. [...] Os caras tinham outra finura: levavam a gente para restaurante, deitavam a gente em cama d’água. [...] Homem? Não vale um tostão pelas bandas daqui. [...] Um dia eu tive que foder com a tropa inteira da delegacia. [...] Que esperança eu tenho com esse marido barrigudo? [...] A vida dele é me chamar de piranha e vagabunda. E tirar sangue de mim.” (FREIRE, 2005, p. 41-42).

Ao longo de sua obra, Marcelino Freire utiliza com bastante frequência o substantivo concreto ‘Violência’, visto que é uma temática forte dentro de suas narrativas. Neste conto, podemos aludir o nome Vanicléia e o emprego da letra ‘V’ ao substantivo ‘Violência’. O conto se inicia com as atitudes sofridas pela personagem pelo seu marido: “O que é que ele me dá? Bolacha na desmancha. Porrada na canela. [...] Cadê meus dentes?” (FREIRE, 2005, p. 41-42). Ela atribui o nome do marido a uma entidade maligna reforçando os atos de violência que sofre por ele: “U, hum. Agora ter que aguentar esse bebo belzebu.” (p. 41). É possível ver a violência nos relacionamentos entre homens e mulheres, especialmente no tange a condição subalterna exercida pela personagem negra no decorrer do conto: “A vida dele é me chamar de piranha e vagabunda. E tirar sangue de mim.” (p. 42). Isso muito diz respeito a formas de colonização enraizadas no panorama social contemporâneo brasileiro, pois “a identidade masculina está associada ao fato de possuir, [...] dominar e se afirmar, se necessário pela força”

(BADINTER, 1993, p. 99), acabando por instaurar práticas de medo e objetificação, nesse caso, do sujeito feminino negro.

Procurando uma alternativa para sair da sua vida de prostituição, a personagem depositava suas esperanças no casamento: “Casar tinha futuro. Mesmo sabendo de umas que quebravam a cara.” (p. 41). A condição em que a personagem se encontra não a faz feliz, porém ela não consegue subsídios necessários para se desprender disso ficando relegada a viver naquela situação: “Qual é a minha esperança com esse marido barrigudo, eu grávida?” (p. 41). Bonnici (2007) alega que o ‘outro’ acaba se adaptando a degradação e a marginalização imposta pelo ‘Outro’, nesse caso, a do sujeito do sexo masculino e do discurso colonial que a exclui politicamente e legalmente. A personagem expõe a situação de desprivilegio em que vive: “Ninguém vê que eu tô esperando uma criança. Agora disso ninguém tem ciência. Ninguém dá um fim.” (p. 42). Em relação a isso, nota-se sua outremização quando a personagem não consegue ajuda por ser alguém construído pelo discurso colonial do ‘Outro’ marcada por preconceitos de cor, raça, de classe social e de sexo (ZOLIN, 2005).

Tem-se contato com o passado de prostituição da personagem, a partir dos trechos: “Quando o avião estrangeiro chegava e a gente rodava no aeroporto. [...] Na boca quente da praia.” (p. 41). Ao citar avião estrangeiro, nota-se a realidade do turismo sexual na vida de mulheres negras que vivem em situação de pobreza. Em sua fala é evidente a diferença socioeconômica entre o ‘outro e o ‘Outro’: “Naquele feitiço de sonho. De ir conhecer outro lugar, se encher de ouro. Comprar aliança. U, hum”. (p. 41) em decorrência do estado atual de pobreza que vive com seu marido: “Que leite ele vai construir?” (p. 41). Através disso, a personagem expressa a vontade de habitar o “espaço fantasmático da posse”, subverter a alteridade colonial de gênero e cor sonhando com a inversão de papéis (BHABHA, 1994, p. 76).

Segundo Bonnici (2000), o sujeito oprimido quando relembra do passado encontra um refúgio onde pode amenizar as dores resultadas da sua condição atual: “Eu era mais feliz antes. [...] A gente era respeitada. [...] Precisava ver como o garçom e o pivete e o gerente e o taxista da frente e o povo todo nos tratava [...] O que cada um ganhava de gorjeta não era brincadeira.” (p. 42). Ao justificar esses exemplos como ideais de respeito, a personagem acaba por contribuir com a outremização de seu gênero e sua cor, propagando estereótipos e “a figura da alteridade colonial.” (BHABHA, 1994, p. 76). “Pelo menos, um príncipe me encantava.” (p. 41). A personagem retrata uma imagem metonímica de superioridade, bem como uma consciência coletiva de império do sujeito do discurso colonial, ao retratar o estrangeiro como um príncipe.

“Levavam a gente para restaurante, deitavam a gente em cama d’água. Sabonete de colônia.” (p. 42) A idealização do estrangeiro como o superior e educado, relega sua posição ao inferior, destituído de inteligência, de bons modos, alega Bhabha (1994) reforçando a visão dicotômica de ‘sujeito/objeto’. Ao entrar em contato com a cortesia oferecida pelos estrangeiros, ela retorna a sua realidade de opressão: “Acabava saindo rendendo para todo mundo. Uma beleza! [...] Agora que valor me dá esse belzebu? Quanto vale ele ali na praça? [...]” (p. 42). O trecho reforça a visão de respeito e bons modos perpetuados, de acordo com Moutinho (2004), pela figura hegemônica do homem branco.

A personagem põe em contraste o estrangeiro com o homem brasileiro mostrando uma imagem metonímica de diferença: “Homem? U-hum. Não vale um tostão pelas bandas daqui. [...] Os caras pelo menos tinham educação, outra finura” (p. 41-42). De acordo Spivak (2010) a construção ideológica de gênero que preserva a dominação masculina, comprova os poderes e privilégios masculinos exercidos pelos policiais sobre o corpo da personagem, causando nesse caso, depreciação e inferiorização observada nos trechos: “Um dia, eu tive que foder com a tropa inteira da delegacia. Mexeram comigo até o dia amanhecer. E ainda ficaram tirando onda: que eu devia respeitar o homem brasileiro. Rarárá.” (p. 42). Em seguida, a personagem mostra a situação em que policiais abusaram, estupraram, e mataram sua amiga Vanicléia, mulher negra, pobre e prostituta, revelando a personagem que dá título ao conto: “Mataram a Vanicléia, lembra, não lembra, lembra? De tanto que afolozaram ela” (p. 42). Isso demonstra como os sujeitos o discurso colonial outremizam os corpos de mulheres negras, e segundo Butler (2015) inscrevem significados culturais sob eles, como corpos descartáveis que não possuem importância.

Por fim, ao retornar a sua realidade a personagem afirma: “O gringo era covarde, levava para ser escrava. Mas valia.” (p. 41). Para ela, era mais vantajoso ser uma escrava sexual e sofrer abusos do estrangeiro do que continuar na situação em que ela estava vivendo: “Menos pior do que essa vida de bosta arrependida. De coisa criada.” (p. 41). Nota-se a presença da outremização quando a personagem desclassifica a si mesma, como mulher negra, para viver como um objeto a mercê do ‘Outro’, resultado de anos da imposição de uma visão de mundo eurocêntrica capaz de perturbar seu campo de visão e violar seu quadro de referência, de acordo com Bhabha (1991). Ela acaba depositando a ótica de um mundo marginalizado no futuro de seu futuro filho(a): “Se for menina, vou ensinar assim: no porto, no Carnaval. No calçadão de Boa Viagem. Com cuidado para polícia não ver a sacanagem.” (p. 41). Tal afirmação imaginária de negatividade e inferioridade acerca do futuro de uma possível filha acaba por criar a imagem

conformada da mulher negra, sobre a condição em que vive e sobre a superioridade do ‘Outro’, caracterizando-se como portadora de uma inerente inferioridade, de “um desvio patológico do tipo original” (SCHWARCZ 1993, p. 46).

Todos esses pontos vistos no conto *Vanicléia*, denunciam as posições e os valores negativos, a exclusão e a inferiorização atribuídos a mulher negra pelo discurso colonial do ‘Outro’, que estão intrínsecos no imaginário da personagem. A análise mostra como a superioridade imposta pelo discurso colonial e o sujeito do sexo masculino faz com que a personagem aceite “a opressão que lhe é imputada, tornando-se cúmplice da escravização” (ZOLIN, 2005, p. 225). A degradação de sua identidade pelas práticas de outremização é tão forte que o autor não dá nome à personagem, gerando a alusão de que ela não é ninguém e sua história não fará diferença.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou a visão sobre a mulher nas sociedades ocidentais que ainda ocupam posições inferiores aos homens ou se sentem ameaçadas pela figura do mesmo. Com o foco na mulher negra nesse cenário, especialmente a do conto analisado, pode-se concluir que é considerada a mais subalterna. Assim como a questão de gênero, a cor também é um fator determinante de valores e posições sociais nas sociedades que foram colonizadas. Os conceitos de poder que rodeiam questões de gênero e cor foram cultivados pela cultura da colonização e que podemos ver arraigada no pensamento dos indivíduos, colonizados ou não.

Foi possível por meio da análise, criar um mapeamento em torno do tema de turismo sexual, que circundam os contos. As personagens dos contos, por exercerem a profissão de prostitutas ficam relegadas a uma classe trabalhadora profundamente discriminada. Os problemas causados por essa profissão, ainda ficam enraizados no pensamento da sociedade, como no do marido da personagem do conto *Vanicléia*: “A vida dele é me chamar de piranha e de vagabunda.” (FREIRE, 2005, p. 42).

São notáveis nos contos as práticas de outremização que o discurso colonial se utiliza para subjugar a mulher negras. Observa-se como fatores como gênero, cor, lugar epistemológico se transformam em fatores de exclusão, inferiorização, hierarquização e designação de poder. A personagem do conto *Vanicléia* balbucia um tom de revolta, porém não consegue se desprender do contexto em que vive.

Em suma, a partir da análise do conto podemos ver que é necessário descolonizar padrões imperialistas, instaurados pelo sistema capitalista moderno, bem como a colonialidade implantada no imaginário dos indivíduos. O olhar do “estrangeiro” ultrapassa a fronteira e instaura-se nas diferenças entre as classes sociais no Brasil. Desse modo é que as literaturas pós-coloniais buscam desconstruir e denunciar atos de dominação, e nesse contexto, práticas de outremização aos indivíduos que se encontram em situação de subalternidade.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas**. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st22-3/4070-madelman-feminismo/file>>. Acesso em: 04 de Julho de 2019.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Keyconcept in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BHABHA, H. K. **A questão do “Outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo**. In: HOLLANDA, H. B. (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 177-203.

_____, H. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

BONNICI, T. **Conceitos chave da teoria póscolonial**. Maringá: Eduem, 2005.

_____, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá, PR: Eduem, 2000.

_____, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialistas**. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Rev. e ampl. –Maringá: Edduem, 2009.

BUTLER, Judith. **Sujeitos do sexo/gênero/desejo in Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 17-70, 2015

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FIGUEIREDO, E. **Construções de identidades pós-coloniais na literatura atilhana**. Niterói: Ed. Da UFF, 1998.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. 7. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 2013.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras. Estudos feministas.** Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n. 2. p-464-469, 1995.

MOUTINHO, L. **Razão, “cor” e desejo.** São Paulo: Unesp, 2004.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPIVAK, G. C. **Subaltern Studies: Deconstructing Historiography.** New York: Methuen, 1987.

_____, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista.** In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. Rev. e ampl. – Maringá: Eduem, 2009.

_____, Lúcia Osana. **Pós-Colonialismo, Feminismo e Construção de Identidades na Ficção Brasileira Contemporânea Escrita por Mulheres.** In.: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.21, p. 51-70, 2012.

WHITLOCK, Gillian. **Outlaws of the Text: Women’s Bodies and the Organisation of Gender in Imperial Space.** Paper presented at the Australia/Canada: Postcolonialism and women’s texts research seminar, Calgary Institute for the Humanities, February, 1992.